

Perfil

O escritor Eduardo Galeano nasceu em Montevideu, em 1940. Ainda jovem, iniciou nessa cidade sua carreira jornalística e publicou seu primeiro livro. Viveu exilado na Argentina e na Catalunha, na Espanha, desde 1973. No início de 1985, voltou a Montevideu, onde atualmente vive, caminha e escreve. Galeano comete, sem remorsos, a violação de fronteiras que separam os gêneros literários. Ao longo de uma obra na qual confluem narração e ensaio, poesia e crônica, seus livros recolhem as vozes da alma e da rua e oferecem uma síntese da realidade e sua memória. Escreveu, entre outros livros, As Veias Abertas da América Latina, O Livro dos Abraços, Palavras Andantes, Dias e Noites de Amor e de Guerra, De Pernas pro

Ar, Futebol ao Sol e à Sombra, Mulheres e a trilogia Memória do Fogo, ganhadora do American Book Award da Universidade de Washington e dos prêmios italianos Mare Nostrum e Pellegrino Artusi pelo conjunto da obra. Em duas ocasiões, foi premiado pela Casa de las Américas e pelo Ministério da Cultura do Uruguai. Em 2008, esteve na Feira do Livro de Porto Alegre para o lançamento do livro Espelhos. Foi o primeiro escritor agraciado com o prêmio Aloa, criado por editores dinamarqueses, e também inaugurou o Cultural Freedom Prize, outorgado pela Lannan Foundation, e o Prêmio a la Comunicación Solidária, da cidade espanhola de Córdoba. Seus livros foram traduzidos para diversas línguas.

Eduardo Galeano

13 de novembro de 2008, no Auditório Dante Barone (Feira do Livro de Porto Alegre)



Por certo, a melhor definição de Eduardo Galeano foi ele mesmo quem deu no Auditório Dante Barone lotado, com pessoas sentadas nas escadarias: "Sou um averiguador de grandeza escondida nas coisas pequenas, é uma tentativa de ver o universo através do buraco de uma fechadura". Explica assim as minúcias exemplarmente transcritas com que oferece ao leitor uma versão insatisfeita da realidade, uma luta continuada por uma liberdade que custa cada vez mais o sacrifício e a perda. Mas divertiu-se bastante também, contou piadas ("as virgens têm muitos natais, mas nenhuma noite boa") e leu emocionadamente trechos previamente destacados a lápis do livro que o trouxe a Porto Alegre, *Espelhos*.

Ruy

Não me lembro da data da minha última visita a Porto Alegre, mas lembro do calor humano, da eletricidade, impressionante. Na verdade, acho que têm certas emoções que não deveriam ser “palavradas”. O silêncio é uma linguagem mais eloquente do que as palavras. Meu mestre e grande novelista uruguaio, Juan Carlos Onetti, era muito mentiroso, mas para dar prestígio ao que dizia citava fontes da sabedoria chinesa: “Tem um provérbio que aconselha que as únicas palavras dignas de existir são aquelas melhores do que o silêncio”. Não era chinês – era dele – e eu concordo.

Espelhos

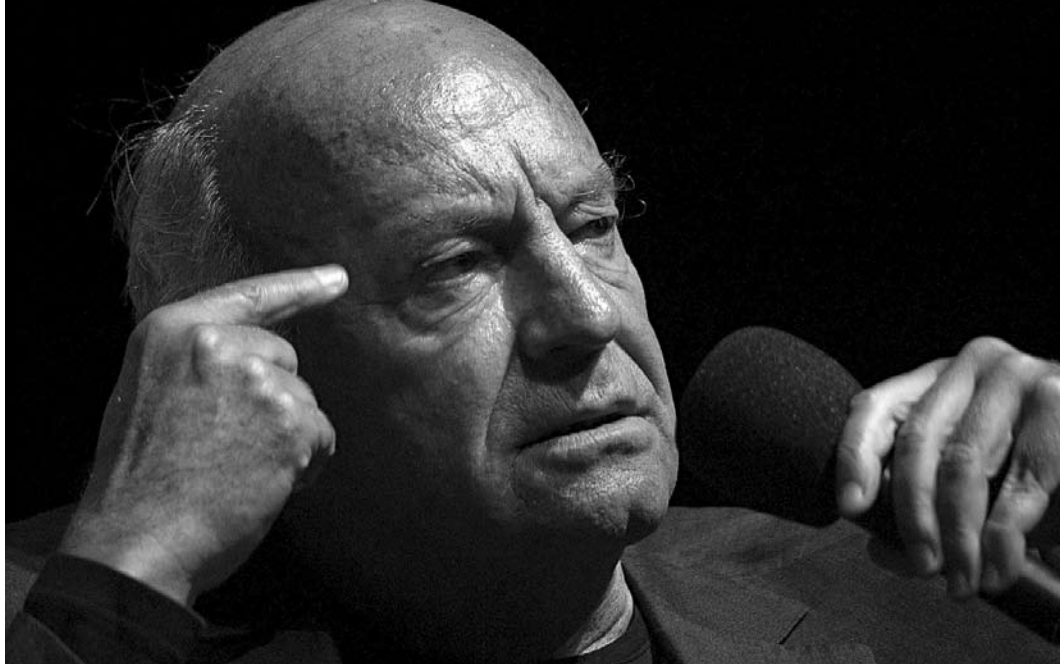
O livro *Espelhos* é uma tentativa de ver o universo através do olho da fechadura, parto de um espaço pequeno para observar a grandeza escondida nas coisas. Tem essa confusão, muito frequente no mundo de hoje, entre o grandote e o grandioso. São duas coisas diversas. As coisas pequeninas têm mais grandeza do que aquelas espetaculares. Sou um averiguador da grandeza escondida nas pequenas coisas. Na vida cotidiana, há coisas que parecem nada e que são tudo. Tento limpar os olhos das teias de aranha colocadas por um sistema que nos treina para sermos cegos das melhores imagens e cores. Busco também limpar os ouvidos para escutar os sons, as palavras que valem a pena. É só caminhar por aí e escutar e, também, saber, por exemplo, que as paredes são muito importantes, são as páginas do livro anônimo que o povo escreve. Sou um grande leitor de muros, grafites e inscrições. O primeiro grafite da humanidade foi feito na pré-história, num lugar perto do Rio Pinturas, na Argentina, chamado assim em homenagem a este fato, onde se encontram registradas mãos impressas na rocha, mãos pintadas com sangue, ervas, terra, pó de pedras, a mão na parede significa: “estive aqui”, uma maneira de dizer quero ser mais que um grão de areia perdido no universo, mais do que um instantinho na memória do tempo. Isto para mim é muito importante: ver como as diferentes pessoas em diversas cidades deixam estas mensagens para os demais. Sou um leitor disso também, há casos de comentários profundos feitos não se sabe por quem. A maior crítica aos meios de comunicação não saiu da universidade, mas de um muro de

Buenos Aires que dizia: “Nos mean y los diarios dicen llueve” (nos mijam e os jornais dizem chove). Isto é uma crítica profunda. Outra crítica teológica, também, profunda, observei em um muro de Montevideú: “Las Vírgens tienen muchas Navidades, pero ninguna Nochebuena”. Podemos ler as paredes, escutar coisas que vêm de longe e as perguntas nascidas dentro de cada um que, às vezes, o tempo apaga. Vou registrando nestes caderninhos pensamentos e coisas que escuto, ideias, histórias, porque senão o vento leva. Gosto muito do vento, mas é perigoso porque leva tudo. A memória precisa, de algum modo, ser registrada. Este livro é o resultado de diferentes perguntas. Na leitura de trechos que farei a seguir, é possível observar como funciona esse mecanismo. São perguntas que me faço e levo anos para inventar uma resposta, mas que continuam zumbindo na cabeça, no fundo da alma.

Ensinar a perguntar

Havia um grande educador latino-americano, injustamente desconhecido, Simón Rodríguez, nascido na Venezuela, mestre de Simón Bolívar¹. Um homem que deixou palavras que o vento não levou. O fogo levou algumas, porque seus livros foram queimados num acidente. Ele andava em lombo de mula pelos caminhos da América pregando para ninguém. Ele semeava filhos também, tinha esse costume. Mas era um grande educador que aconselhava a ensinar, não a repetir datas, nomes, mas defendia a ideia de ensinar a perguntar. Afirmava que um menino que recebe uma boa educação é aquele capaz de perguntar “por quê” quando o professor fala de alguma coisa. “A outra educação fabrica papagaios”, dizia. Ele denunciava os donos do poder que sequestraram a independência da América Latina. “Vocês copiam tudo da Europa e dos Estados Unidos, por que não copiam o mais importante, que é a originalidade?” Era completamente louco, evidentemente morreu na solidão mais absoluta. Há outra frase sua terrível: “Eu quis fazer da Terra um paraíso para todos e a converti num inferno para mim”. Os meus heróis são estes desconhecidos, que foram depreciados pela história oficial. Fiquei um tempo vivendo na Venezuela e, por casualidade, descobri algumas páginas que sobreviveram àquele incêndio e à indiferença dos sé-

1 Simon Bolívar (1783-1830) – revolucionário sul-americano nascido em Caracas, no Vice-Reinado de Nova Granada, posteriormente Venezuela, que dedicou sua vida à luta contra a presença espanhola na América do Sul.



culos. Uma descoberta importantíssima para mim. Sou um curioso, aquele aluno que pergunta “por quê?”.

Identidade

Gostaria muito de alcançar um nível perfeito de identidade entre as palavras, os atos, os pensamentos, os sentimentos, entre o que escrevo e vivo, com uma linguagem única. Falando, você não pode corrigir o que diz; no entanto, ao escrever sou terrível, um autocrítico implacável. Escrevo à mão, depois de anos de desconfiança hoje estou usando o computador, mas somente no final. Toda etapa prévia de escritura é manuscrita.

Ressaca cibernética

Foi Onetti quem me ensinou o prazer da escrita à mão, ele era um habitante das sombras, um homem obscuro, da noite, triste, neurótico, complicadíssimo. Mas comigo foi muito carinhoso, me ajudou muito. Certa vez me disse – eu trabalhava muito no jornalismo, escrevia sempre à máquina: “Você escreve à máquina?” Sim, respondi. “Você sabe que está perdendo um dos grandes prazeres da vida, que é o prazer da mão escrevendo sobre o papel? Não vou dizer mais nada, apenas experimente”. Então, experimentei e nunca mais escrevi à máquina. Apenas para passar a limpo a versão final, hoje acho que o computador seja útil. Desconfio das máquinas em geral, não sei se devido à minha condição pré-histórica. Tenho

uma suspeita de que as máquinas bebem escondido à noite cachaça e uísque. Esta é a explicação para as coisas inexplicáveis que fazem durante o dia: a ressaca cibernética.

Rotina de trabalho

Aprendi há muitos anos em Santiago de Cuba, durante uma cerimônia negra, de tambores, algo impressionante. Já perto do amanhecer, chegou um negro velho que tocava não como um deus, mas como todos os deuses juntos: absolutamente maravilhoso. Eu não podia acreditar no que estava escutando. Esse homem era sagrado. Então, como estava bastante bêbado, reuni coragem para me aproximar dele – éramos poucos – e perguntei: “Como você faz para tocar assim?” E ele me respondeu: “Yo toco cuándo me pica la mano” (toco quando a mão coça). Portanto, escrevo quando a mão coça, senão não escrevo. Escrever por obrigação, compromisso de consciência ou profissional não é recomendável. Leio muito, as coisas diversas e loucas. Faz bem ler e escrever. Eu me treinei para ler e escrever sobre tudo quando dirigi um jornal, tinha 22 anos e, num ato de irresponsabilidade histórica, fui eleito diretor de um jornal no Uruguai. E o pior, sem pagamento nenhum, era um jornal de faquires da esquerda independente. Ninguém cobrava, todos faziam isso por lazer e militância. A média de idade da redação era de 20 anos; era ainda um país



jovem, diferente de hoje, que os jovens foram embora e está envelhecido e triste. Naquele tempo não, chegávamos a vender quantidades incríveis: cerca de 30 mil exemplares, daquele jornal elaborado entre as duas e três da manhã. Eu era o diretor de tudo, fazia do editorial ao horóscopo. Fazer horóscopo é a coisa mais engraçada do mundo, sobretudo porque eu empurrava os leitores à perdição total, eram sempre conselhos pecaminosos e terríveis. Todos eram conduzidos ao abismo. Isto me produzia uma satisfação imensa. Escrevi muitas crônicas de futebol, se não tinha cronista policial, escrevia também. Em determinados momentos, a redação tinha quinhentos jornalistas e às vezes cinco ou seis. Naquele tempo, no Uruguai, não existiam nas universidades – sequer nas privadas – escolas de jornalismo. A minha escola foi aquele jornal. Todos tínhamos uma coisa muito bonita, que se chama entusiasmo. Entusiasmo é uma palavra grega que significa “ter os deuses dentro”.

Mulheres

Metade da humanidade foi negada pela história oficial durante milênios. Aquela ideia horrível de que atrás de cada grande homem há uma mulher reduz a mulher à condição de cadeira, não é? Então, escrevo muito tentando a recuperação desta memória perdida sobre uma enorme quantidade de mulheres maravilhosas. O problema é a igualdade de oportunidades e de direitos. A mesma coisa acontece com os negros. A eleição de Barack Obama, por exemplo, é um caminho cheio de espinhos, de muita dor, como

aquele das mulheres. Nunca um direito lhes foi dado de presente por ninguém. Sempre foram conquistados e em processos que valem a pena recuperar para mostrar que nem sempre a História é ingrata, às vezes, recompensa o sacrifício, outras não.

Obama

Abriu-se um caminho no sentido de que já era hora de que houvesse um presidente negro nos Estados Unidos; assim como a Bolívia – que tem maioria da população de indígenas – clamava por um presidente índio, como Evo Morales; da mesma forma que o Chile necessitava de uma presidente mulher, Michelle Bachelet, para se inteirar de que metade dos chilenos são chilenas. A igualdade de oportunidades representa um avanço, mas não significa que uns sejam melhores do que os outros. Em determinados momentos, os discursos de Obama e de John McCain, o adversário republicano, eram perigosamente parecidos, mas isso é outra história. Imagina que o maior sucesso do cinema norte-americano, de Hollywood, na época do cinema mudo, que acumulou fortunas, foi um filme chamado *The Birth of a Nation (O Nascimento de uma Nação)*, do cineasta D.W. Griffith. Foi o único caso de um filme estreado na Casa Branca e aplaudido de pé pelo presidente Thomas Woodrow Wilson, que era autor dos textos. Este filme de sucesso – tão venerado pelos críticos até hoje – é um canto de louvor a Ku Klux Kan². É um filme absolutamente infame. A eleição de Obama é importante, quando se pensa que estas coisas aconteceram há pouco tempo. Era mudo o filme, mas os textos falavam da importância da supremacia branca contra a ameaça negra, e era o presidente da nação quem escrevia isso.

O herói

E agora vou deixar que *Espelhos* fale por sua própria boca. Vou ler algumas páginas do livro:

Como teria sido a Guerra de Tróia contada a partir do ponto de vista de um soldado anônimo? Um grego qualquer, ignorado pelos deuses e desejado apenas pelos abutres que sobrevoam as batalhas? Um camponês metido a guerreiro, cantado por ninguém, por ninguém esculpido, obrigado a matar e sem o menor interesse de

2 Ku Klux Kan – organização racista que apoia a supremacia branca e o protestantismo em detrimento de outras religiões. Embora já tenha passado por várias “refundações”, a KKK foi criada originalmente na segunda metade do século 19, após a Guerra Civil Americana (1861-1865), que pôs fim à escravidão naquele País. A facção foi erguida com fins de, entre outros, impedir a integração social dos negros recém-libertos.

morrer pelos olhos de Helena? Teria pressentido, esse soldado, o que Eurípedes confirmou depois? Que Helena jamais esteve em Tróia, que só a sua sombra esteve lá? Que dez anos de matança ocorreram por causa de uma túnica vazia? E se esse soldado sobreviveu, o que recordou? Sabe-se lá. Talvez o cheiro. O cheiro da dor, e nada mais. Três mil anos depois da queda de Tróia, os correspondentes de guerra Robert Fisk e Frank Sevilla nos contam que as guerras têm cheiro. Eles estiveram em várias, sofreram por dentro, e conhecem esse cheiro de podridão, quente, doce, pegajoso, que se mete por todos os poros e se instala no corpo. É uma náusea que não desaparece jamais.

Fundação da beleza

Eu falava de perguntas, explicando a origem deste livro e de quase todos os livros que eu escrevi. Isto que vou compartilhar com vocês agora é uma pergunta nascida na minha cabeça há muitos anos, quando eu visitei as cavernas de Altamira, na Espanha, e tive o privilégio de ver as primeiras pinturas pré-históricas descobertas.

Lá estão pintadas nas paredes e nos tetos da caverna. Essas figuras, bisontes, alces, ursos, cavalos, águias, mulheres, homens, não têm idade. Nasceram há milhares e milhares de anos, mas nascem de novo cada vez que alguém as vê. Como puderam nossos remotos avós pintar de maneira tão delicada? Como puderam eles, aqueles brutamontes que lutavam mano a mano com as feras, criar figuras tão cheias de graça? Como puderam eles desenhar essas linhas voadoras que escapam da pedra e vão embora pelos ares. Como eles puderam? Ou seriam elas?

A pergunta ficou lá esperando, eu li muitos livros sobre pintura pré-histórica para saber se alguém tinha imaginado que essas maravilhas fossem obras de mulheres.

Olympia

São femininos os símbolos da revolução francesa, mulheres de mármore ou de bronze, poderosas tetas nuas, gorros frígios, bandeiras ao vento. Mas a revolução proclamou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, e quando a militante revolucionária Olympia de Gouges propôs a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, foi presa, o Tribunal Revolucionário a condenou e a guilhotina cortou sua cabeça. Ao pé

do cadafalso, Olympia perguntou: “Se nós, mulheres, estamos capacitadas para subir até a guilhotina, por que não podemos subir até as tribunas públicas?”. Não podiam. Não podiam falar, não podiam votar. A Convenção, o Parlamento revolucionário, tinha fechado todas as associações políticas femininas e havia proibido que as mulheres discutissem com os homens em pé de igualdade. As companheiras de luta de Olympia de Gouges foram trancadas no manicômio. E pouco depois de sua execução foi a vez de Manon Roland. Manon era esposa do ministro do Interior, mas nem isso a salvou. Foi condenada por sua antinatural tendência à atividade política. Ela havia traído a sua natureza feminina, feita para cuidar do lar e parir filhos valentes, e tinha cometido a insolência mortal de meter o bedelho nos masculinos assuntos de Estado. E a guilhotina tornou a cair.

Caminhos de alta festa

Uma outra pergunta me acompanhou durante anos. É uma pergunta muito simples: Adão e Eva eram negros? *Adão e Eva eram negros? Na África começou a viagem humana pelo mundo. Dali nossos avós se lançaram à conquista do planeta; e os que mais se afastaram da África, os que mais se afastaram do sol, receberam os tons mais pálidos na divisão das cores. Agora nós todos, as mulheres e os homens, arco-íris da terra, temos mais cores que o arco-íris do céu e somos todos africanos imigrados. Talvez nos neguemos a recordar nossa origem comum porque o racismo produz amnésia ou porque acaba sendo impossível para nós acreditarmos que naqueles tempos remotos o mundo inteiro era nosso reino, imenso mapa sem fronteiras, e nossas pernas eram o único passaporte necessário.*

Fundação da arte moderna

Este livro tem uma capa de uma figura lindíssima, maravilhosa e vale a pena contar a história dessa figura. *Desde sempre, os escultores africanos trabalham cantando. E não param de cantar até concluírem suas obras, para que a música entre nelas e nelas continuem soando. Em 1910, Leo Frobenius ficou vesgo diante das antigas esculturas que encontrou na Costa dos Escravos. Tão alta era sua beleza que o explorador alemão achou que eram obras gregas, trazidas de Atenas, ou criações da Atlântida perdida. E seus colegas concordaram:*



a África, filha do desprezo, mãe de escravos, não podia ser a autora daquelas maravilhas. Mas era. Aquelas effigies cheias de música tinham sido criadas, fazia uns quantos séculos, no umbigo do mundo, em Ifé, o sagrado lugar onde os deuses iorubas tinham dado nascimento às mulheres e aos homens. E na África continuava nascendo um manancial incessante de arte digna de ser celebrada. E digna de ser roubada. Parece que Paul Gauguin, homem bastante distraído, pôs sua assinatura num par de esculturas do Congo. O erro foi contagioso. A partir de então, Picasso, Modigliani, Klee, Giacometti, Ernst, Moore e muitos outros artistas europeus também cometeram o mesmo engano e com frequência. Saqueada pelo direito colonial, a África nem ficou sabendo do muito que lhe deviam as mais deslumbrantes conquistas da pintura e da escultura na Europa do século 20.

Americanos

Quando eu tinha nove anos, escutei na escola a professora dizer que o conquistador espanhol Vasco Nuñez de Balboa foi o primeiro homem que viu os dois oceanos. Levantei a mão e perguntei: "Senhorita! Os índios eram cegos?" Foi a minha primeira expulsão na vida. Depois houve outras.

Conta a história oficial que Vasco Nuñez de Balboa foi o primeiro homem que viu, num pico do Panamá, os dois oceanos. E os que moravam lá eram cegos? Quem pôs

seus primeiros nomes no milho e na batata e no tomate e no chocolate e nas montanhas e nos rios da América? Hernan Cortez, Francisco Pizarro? E os que moravam lá eram mudos? Os peregrinos do Mayflower ouviram: Deus dizia que a América era a Terra Prometida. E os que viviam lá eram surdos? Depois, os netos daqueles peregrinos do Norte se apoderaram do nome e de todo o resto. Agora, americanos são eles. E nós, que vivemos nas outras Américas, o que somos? Marcianos?

Fundação dos desaparecidos

Isso foi e continua sendo trair a memória dos primeiros americanos. Outros dois exemplos. No meu país, a mais longa avenida se chama Rivera, em homenagem ao presidente que mandou matar os últimos índios charruas, numa armadilha infame. Na Argentina, a estátua mais alta do país é a estátua do general Roca, autor do genocídio dos índios da Patagônia.

Milhares de mortos sem sepultura vagam pelos pampas argentinos. São desaparecidos da última ditadura militar. A ditadura do general Videla aplicou em escala jamais vista a desapareição como arma de guerra. Aplicou, mas não inventou. Um século antes, o general Roca tinha aplicado contra os índios essa obra-prima de crueldade, que obriga cada morto a morrer várias vezes e que condena seus queridos a enlouquecer perseguindo sua sombra fugidia. Na Argentina, como em toda América, os índios foram os primeiros desaparecidos. Desapareceram antes de apa-

recer. O general Roca chamou de conquista do deserto sua invasão das terras indígenas. A Patagônia era um espaço vazio, um reino do nada, habitado por ninguém. E os índios continuaram desaparecendo depois. Os que se submeteram e renunciaram a terra e a tudo foram chamados de índios reduzidos: reduzidos até desaparecer.

Muros

O muro é um símbolo do nosso tempo – este é um mundo de muros –, sem falar nos muros das cidades modernas que protegem os bairros privilegiados.

O Muro de Berlim era a notícia de cada dia. De manhã à noite líamos, víamos, escutávamos: o Muro da Vergonha, o Muro da Infâmia, a Cortina de Ferro. Finalmente, este muro, que merecia cair, caiu. Mas outros muros brotam, e continuam brotando, no mundo. Embora sejam muito maiores que o de Berlim, deles fala-se pouco ou não se fala nada. Pouco se fala do muro que os Estados Unidos estão erguendo na fronteira mexicana e pouco se fala das cercas de arame farpado de Ceuta e Melilla. Quase nada se fala do Muro da Cisjordânia, que perpetua a ocupação israelita de terras palestinas e será quinze vezes mais longo que o Muro de Berlim e nada se fala do Muro do Marrocos, que perpetua o roubo da pátria saharai pelo reino marroquino e mede sessenta vezes mais que o Muro de Berlim. Por que será que há muros tão altissonantes e muros tão mudos?

Perigo na noite

Sobre os tempos de insegurança – pânico de segurança – vou relatar um sonho da Helena, minha mártir privada. Ela tem sonhos maravilhosos e me humilha, a cada café da manhã, contando-os. Meus sonhos são de uma mediocridade inconfessável, são horrorosos, sonho que chego tarde, que perco o avião, que estou brigando com um burocrata por um formulário que não entendo. Os sonhos dela entram na noite como quem ingressa num cinema. A única vez que eu tive um sonho possível foi quando eu estava escrevendo *Espelhos*, sonhei que pegava um táxi e dizia ao taxista: leva-me a Paris no ano de 1792; agora a Ouro Preto, mais ou menos no mesmo período. E o taxista me levava a todos os lugares que eu indicava. Esse sonho meu, o sonho do táxi, me deu de presente uma boa explicação deste livro, que perambula pelo mapa e o tempo, sem dar bola a nenhuma fronteira. E agora vou ler um sonho de Helena, nascido dos medos que dirigem, hoje, as nossas vidas cotidianas:

Dormindo nos viu. Helena sonhou que fazíamos fila em algum aeroporto. Uma longa fila: cada passageiro levava embaixo do braço o travesseiro no qual tinha dormido na noite anterior. Os travesseiros iam passando através de uma máquina que lia os sonhos. Era uma máquina detectora de sonhos perigosos para a ordem pública. ■



Já no início da entrevista, Galeano anunciou que leria trechos de sua obra *Espelhos*. Ao finalizar a leitura, ele acrescentou: “Este livro é uma homenagem à diversidade humana, uma tentativa de recuperação de cores perdidas no arco-íris terrestre, em todas as suas dimensões, em toda a sua beleza secreta”, sendo muito aplaudido por todos. No encerramento, o público formou uma imensa fila para não perder a oportunidade de pegar um autógrafa do escritor uruguaio.

